

BIOGRAFIA ESPACIAL DA PESCADORA CILANDA BORGES CAMINHA

SPATIAL BIOGRAPHY OF FISHERWOMAN CILANDA BORGES CAMINHA

BIOGRAFÍA ESPACIAL DE LA PESCADORA CILANDA BORGES CAMINHA

Câmara, Giulia Caldas

De Paula, Cristiano Quaresma

RESUMO

As pescadoras e pescadores artesanais têm se organizado para reivindicar seus direitos fundamentais à existência, direito à terra, direito à água, direito à moradia, direito à aposentadoria. Nesse processo de combate ao avanço da modernização em seus territórios usados tradicionalmente, com uma técnica mais modesta, destacam-se lideranças que deixam marcas no território, no lugar, e principalmente, nas pessoas. Na Lagoa dos Patos, Cilanda Borges Caminha é uma dessas lideranças, cujo legado persiste mesmo após sua partida em 2017. Ao usar a abordagem de narrativas espaciais proposta por Lindón, este artigo busca relatar um pouco da história da Cilanda, evidenciando sua profunda conexão com a história da comunidade e de outras pescadoras e suas diferentes formas de resistência.

Palavras-Chave: Território usado. Território normado. Pesca Artesanal. Cilanda Borges.

RESUMEN

Las pescadoras y pescadores artesanales se han organizado para reclamar sus derechos fundamentales a la existencia, derecho a la tierra, derecho al agua, derecho a la vivienda, derecho a la jubilación. En este proceso de lucha contra el avance de la modernización en sus territorios tradicionalmente utilizados, con una técnica más modesta, destacan líderes que dejan huellas en el territorio, en el lugar y, sobre todo, en las personas. En la Lagoa dos Patos, Cilanda Borges Caminha es una de esas líderes, cuyo legado persiste incluso después de su partida en 2017. Al utilizar el enfoque de narrativas espaciales propuesto por Lindón, este artículo busca relatar un poco de la historia de Cilanda, evidenciando su profunda conexión con la historia de la comunidad y de otras pescadoras, así como sus diferentes formas de resistencia.

Palabras-Clave: Território usado. Território normado. Pesca Artesanal. Cilanda Borges.

ABSTRACT

Artisanal fisherwomen and fishermen have organized themselves to assert their fundamental rights to existence, the right to land, the right to water, the right to housing, and the right to retirement. In this process of combating the advance of modernization in their traditionally used territories, with a more modest technique, leaders stand out who leave marks on the territory, the place, and, above all, on the people. In Lagoa dos Patos, Cilanda Borges Caminha is one of these leaders, whose legacy persists even after her departure in 2017. By employing the spatial narratives approach proposed by Lindón, this article seeks to narrate a bit of Cilanda's history, highlighting her deep connection with the community's history and with other fisherwomen and their various forms of resistance.

Keywords: Used territory. Regulated territory. Artisanal fishing. Cilanda Borges.

INTRODUÇÃO

No território usado da Lagoa dos Patos, espaço de todas as dimensões do acontecer, como concebe Santos et al.(2000), as pescadoras artesanais resistem às lógicas globais capitalistas e se articulam em diferentes escalas buscando maior visibilidade e reconhecimento do seu trabalho e existência no território normado para que seja possível a perpetuação do seu modo de vida. Na Lagoa dos Patos, se destaca na luta pelos direitos das mulheres e dos homens da pesca, a pescadora artesanal e vereadora do município de São José do Norte durante 2012-2016, Cinelande Borges Caminha, ou Cilanda como era conhecida por todos e gostava de ser chamada, que infelizmente nos deixou no dia 17 de abril de 2017.

Com o intuito de registrar sua passagem na terra e homenageá-la, foi desenvolvida através da metodologia proposta por Lindón apud Pires et. al. (2016) uma biografia espacial da Cilanda. Nesse sentido, devemos destacar que essa biografia não seria possível sem a autorização e todos os relatos concedidos pelos seus familiares e amigos próximos da pescadora. Por isso, não podemos deixar de agradecer ao Gerssi, Anderson, Robson, Vanessa, Hélia e Luiz por confiarem em nós a trajetória de vida dessa mulher que tanto nos inspira a permanecer lutando.

Neste artigo, evidenciamos a trajetória política da Cilanda, que não se inicia quando assume o cargo de vereadora, mas sim a partir do momento em que se organiza juridicamente através do Centro Comunitário dos Pescadores e Agricultores da Várzea – CECOV, tornando-se presidente em 1996. Ao propormos uma narrativa espacial, buscamos destacar que a trajetória da pescadora Cilanda se confunde com a própria história da comunidade, e com a história das pescadoras artesanais do estuário da Lagoa dos Patos. Buscamos evidenciar que entre o local e o global, no território da Lagoa dos Patos (r)existem sujeitas que lutam em defesa da pesca artesanal e pela valorização de pescadoras e pescadores artesanais.

METODOLOGIA

Em busca de prestigiar e homenagear a trajetória de uma das maiores lideranças da Lagoa dos Patos, Cinelande Borges Caminha, realizamos uma biografia espacial, por meio da abordagem das narrativas espaciais proposta por Lindón apud Pires et. al. (2016). Para Lindón apud Pires et. al. (2016) as narrativas espaciais permitem a reconstrução das experiências vividas, onde as pessoas desvelam o espaço e a espacialidade de diferentes formas. Complementam Pires et. al. (2016, p. 53-54):

O narrador se vale do espaço para a simples localização dos fatos, para a atribuição de lembranças carregadas de significados, de si mesmo, quando esse lugar está relacionado com prestígio, ou para depreciação de si mesmo, quando esse lugar é perigoso (LINDÓN, 2007). Além das narrativas resgatarem experiências, fatos importantes da vida das pessoas, ao contarmos uma história, segundo Lindón (2007), atribuímos valores, sentimentos, significados e conferimos características a determinados lugares.

A partir de Pires et. al. (2016) compreendemos que por meio das narrativas espaciais poderemos revelar lugares ou territórios das pescadoras artesanais que são invisíveis ou estão parcialmente visíveis para outros grupos sociais. “As narrativas expressam movimentos, marcas, sentimentos, numa relação de pertencimento espacial muito forte.” (p.54). A partir da metodologia proposta Lindón, poder-se-á expressar tanto os sentimentos, quanto às marcas deixadas no território por Cinelande Caminha Borges, construindo, portanto, uma biografia espacial.

Buscamos compreender a atuação e a importância da Cilanda na escala da comunidade, regional e nacional. Para isso, foi realizado um trabalho de campo para a localidade da Várzea e no Centro de São José do Norte. Os entrevistados foram o companheiro da Cilanda, Gerssi, seus dois filhos e nora, Anderson, Robson e Vanessa. Também foram realizadas duas entrevistas através de chamada de vídeo com sua amiga e atual presidente do Centro Comunitário da Várzea, Hélia e posteriormente com o Vereador Luiz Gautério a fim de compreender mais da sua ação política enquanto vereadora. Também foram obtidas fotografias com o intuito de ilustrar a biografia espacial.

ENTRE O GLOBAL E O LOCAL: O TERRITÓRIO USADO PELAS PESCADORAS ARTESANAIS DA LAGOA DOS PATOS

De norte a sul do país, pescadoras e pescadores artesanais são atravessados por diferentes impactos, disputas e conflitos advindos do avanço do capital sobre seus territórios tradicionalmente usados (De Paula, 2023). Esse processo é ocasionado pela modernização desses territórios, que segundo Silva (2017) está diretamente ligado ao desenvolvimento econômico, às inovações tecnológicas e ações das empresas, viabilizadas pelo Estado.

Na Lagoa dos Patos, o cenário por mais que tenha suas especificidades não é diferente. Esse território é usado e disputado por atores com diferentes racionalidades, e conseqüentemente, intencionalidades e usos distintos do espaço. Para Milton Santos, o espaço é "formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá" (2002, p. 64). Nesse sentido, a transformação do espaço se dá a partir da dinâmica e interação dos sistemas de objetos, que hoje são cada vez mais artificiais, e por sistemas de ações que criam novos objetos ou apropriam-se dos já existentes (Santos, 2002).

Aprendemos com Milton Santos (2002), que a ordem global, por meio de ações verticais, busca impor no local uma única racionalidade, causando desordem. No território usado da Lagoa dos Patos, as pescadoras e pescadores são impactados por decisões alheias ao local partindo do Estado e das empresas em busca da modernização territorial, que de acordo com De Paula (2023) se expressa partir de três faces: a da degradação, a da sobreexploração e restrição de acesso e a da expropriação de terras.

De acordo com Silva (2014), a problemática da pesca artesanal somente pode ser explicada à luz da compreensão da relação entre o estado, a sociedade e o território quando se compreende as relações políticas que tecem as formas institucionais da pesca artesanal. Por meio das legislações que regulamentam a atividade pesqueira, conseguimos compreender como o Estado, forma central universal de controle da autoridade coletiva, como concebe Quijano (2005), atua como promotor da modernização e de invisibilizações de grupos sociais historicamente marginalizados.

Por meio da análise de Silva (2015) compreendemos que as decisões regulatórias da atividade pesqueira são verticais e privilegiam a indústria em busca do desenvolvimento econômico do país. Contudo, recentemente, após a redemocratização e a estruturação de movimentos sociais, direitos como seguro-defeso, aposentadoria especial, e acesso às políticas de incentivo como o PRONAF foram assegurados na lei (Silva, 2015).

No entanto, ainda assim, as legislações, principalmente em relação às mulheres da pesca, são excludentes, uma vez que privilegiam o processo de captura em detrimento das outras etapas da cadeia produtiva (seleção e beneficiamento do pescado, confeccionar e remendar redes, comercialização, ensino do saber-fazer pesqueiro). Para além dessa problemática, na Lagoa dos Patos, as pescadoras e os pescadores se vêem ameaçados pela mineração, industrialização, porto, urbanização como bem apontado em De Paula et al. (2019). Além disso, mais recentemente, as pescadoras e pescadores têm sido atingidos pelas enchentes ocasionadas pelas mudanças climáticas e tem voltado suas energias para barrar o projeto que pretende conceder a Lagoa dos Patos para a instalação de eólicas.

Diante do exposto, é possível perceber os diferentes tipos de impactos, disputas e conflitos que assolam as existências dos pescadores e que recaem de forma diferente entre homens e mulheres. Principalmente, quando se trata de saúde. Esses diferentes processos resultam na perda de autonomia e no desequilíbrio dessas comunidades guardiãs da Lagoa dos Patos.

Os vetores da hegemonia, ao impor uma ordem em prol do mercado global, geram localmente uma desordem. A globalização atual é percebida como perversa para a maioria da humanidade. No entanto, a partir da integração da rede local ocorrida por meio do trabalho coletivo e de um esforço solidário entre diversos atores cria-se o cotidiano da contigüidade, denominado de horizontalidade. Esses espaços horizontais, em

constante transformação, constantemente recriam uma ordem espacial onde os objetos se adaptam a influências externas e desenvolvem uma lógica interna própria, localmente constituída (Santos, 2002).

Nesse sentido, entre o local e o global, se dá o território, que Milton Santos et al. (2000) compreende como sinônimo do espaço banal, espaço de todos os homens (e mulheres), não importando suas diferenças, o espaço de todas as instituições, não importa o seu poder. Esse é o espaço de todas as dimensões do acontecer, de todas as determinações da totalidade social. É uma visão que incorpora o movimento do todo, permitindo enfrentar corretamente a tarefa de análise (Santos *et al.*, 2000).

O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar de residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si é uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a Geografia. É o território usado que é uma categoria de análise (Santos, 1999, p. 8).

Para Santos (1999b, p. 19), o território usado deve ser visto “como um campo de forças, como o lugar do exercício, de dialéticas e contradições entre o vertical e o horizontal, entre o Estado e o mercado, entre o uso econômico e o uso social dos recursos”. O território a partir da perspectiva do Estado é denominado por Santos como território normado, que no Brasil cada vez mais se apresenta como norma. Em conformidade com Silva (2015), a partir da leitura de Milton Santos, o território como norma envolve o território das redes, o território no qual os grandes conglomerados exercem o seu poder, essencialmente, fundamentado na técnica e na capacidade informacional. Já o território normado, configura-se como território na escala nacional, estadual e municipal, atrelado às normas constitucionais, políticas e financeiras.

No território da Lagoa dos Patos, através de relações horizontais, as pescadoras e pescadores artesanais vivenciam o tempo lento ao mesmo tempo que sofrem com as ações das empresas e do Estado, que usa o território de maneira distinta dos pescadores, que enxerga a natureza como recurso a ser explorado. Nesse contexto, ser pescadora representa uma interação entre as práticas globais de exploração e desvalorização do trabalho feminino, e a ressignificação dessas experiências no âmbito local, moldadas pelo cotidiano compartilhado. Assim, as pescadoras artesanais estabelecem uma relação com o território que se baseia na vivência, residência, trabalho e identidade, em oposição às perspectivas impostas por atores dominantes.

Nesse movimento, sujeitas atuam em diferentes escalas em busca de garantir a defesa de seus territórios tradicionais e dos seus direitos sociais, trabalhistas e previdenciários. Compreendemos que essas sujeitas coletivas, que a organização se expressa desde movimentos sociais de âmbito nacional à fóruns regionais e manifestações locais, também colocam em evidência sujeitas cuja atuação leva a personificação de determinadas lutas.

Na Lagoa dos Patos, uma das principais lideranças mulheres foi a pescadora Cilanda Borges Caminha. Cilanda foi uma das fundadoras do Fórum da Lagoa dos Patos e protagonista em diversos processos de luta por direitos de homens e mulheres. Entre os direitos relativos às mulheres pescadoras, a dona Cilanda foi extremamente atuante a partir do Fórum e em diálogo com o Ministério Público Federal da conquista e manutenção do seguro-defeso para as mulheres. Na próxima seção, apresentaremos uma breve biografia espacial desta liderança da pesca, como forma de registro e homenagem à sua contribuição à comunidade pesqueira da região.

ENTRE O TERRITÓRIO USADO E O TERRITÓRIO NORMADO: A VIDA DA PESCADORA CILANDA BORGES NA LUTA PELA PESCA ARTESANAL

Cinelande Borges Caminha realizou um grandioso trabalho na busca por direitos das pescadoras e pescadores artesanais nas mais diferentes escalas. A pescadora Cilanda, como gostava de ser chamada, nasceu em Pelotas, no dia 8 de fevereiro de 1954. Em seus primeiros anos de vida, residiu na Ilha da Sarangonha e aos 10 anos de idade, mudou-se para a localidade da Várzea, na Vila da Igreja, em São José do

Norte, onde cresceu ao lado dos seus quatro irmãos.

Assim como grande parte das pescadoras e pescadores, Cilanda aprendeu a desenvolver a arte da pesca com seus pais Nodario e Arminda. Na comunidade, Cilanda participava de todas as etapas da cadeia produtiva, ou seja, ia ao mar, selecionava e beneficiava o pescado, descascava camarão, tirava carne de siri, confeccionava e remendava redes, comercializava (Figura 1).

Figura 1: Documentos da Cinelande Borges.

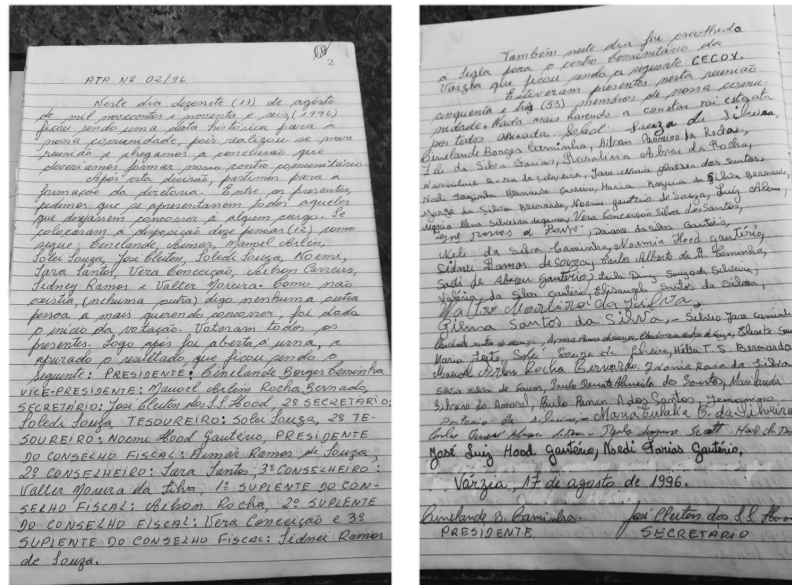


Fonte: Acervo da Família (2022).

Aos 23 anos, Cilanda encontrou seu companheiro de vida, Gerssi, com quem dividiu seus dias até sua partida em 7 de abril de 2017. Com ele, teve dois filhos, Anderson e Robson. Na perspectiva da família, dos amigos e da comunidade, foi uma guerreira, batalhadora, uma mãe excepcional, uma pessoa que se doava por inteiro às causas que acreditava, que nunca mediu esforços para auxiliar quem precisava. Em 1996, Cilanda começou a trabalhar na secretaria da pesca no município e se candidatou quatro vezes para o cargo de vereadora, até conseguir assumir o cargo no período de 2012 a 2016. No entanto, sua trajetória política iniciou-se muito tempo antes disso.

Sua trajetória política se inicia na escala da comunidade. O dia 17 de agosto de 1996 foi um momento histórico para toda a comunidade da Várzea. Uma reunião com 57 membros da comunidade foi realizada e nela foi decidido através de um consenso a fundação do centro comunitário da Várzea. Neste dia, também foram realizadas votações para a formação da diretoria e a Cilanda foi nomeada presidente do Centro Comunitário dos Pescadores e Agricultores da Várzea – CECOV (figuras 2 e 3).

Figura 2: Ata da Reunião do Centro Comunitário da Várzea do dia 17/08/1996.



Fonte: Acervo do CECOV (2022).

Figura 3: Cilanda no CECOV.



Fonte: Acervo da família (2022).

É possível afirmar que Cilanda ascendeu para o campo político como uma liderança comunitária a partir do momento em que se organizou juridicamente. Ela nasceu para a luta diante das dificuldades enfrentadas pela comunidade pesqueira. Nesse período, mudou-se para o centro de São José do Norte, mas ao contrário do que se esperava, a distância física não afetou em nada a relação de carinho e cuidado que ela tinha com a sua comunidade, apenas a ajudou a trazer mais benefícios para a localidade da Várzea. Enquanto presidente do CECOV, Cilanda conseguiu trazer diversas melhorias para a localidade da Várzea. Uma das suas primeiras conquistas foi a chegada de energia elétrica na comunidade no início dos anos 2000 (figura 4), que permitiu muitas das melhorias que serão citadas a seguir.

Figura 4: Registros da chegada da luz na comunidade da Várzea

Fonte: Acervo da Família (2022).

A comunidade da Várzea está localizada aproximadamente 35 km da Colônia de Pescadores Z-2, de São José do Norte. Boa parte da estrada que liga um lugar ao outro não é pavimentada, o que de certa forma dificulta a movimentação, principalmente nos dias de chuva. Além disso, o transporte público possui horários extremamente reduzidos. Logo, para ir e voltar da localidade da Várzea se faz necessário que haja um planejamento prévio ou através de transporte particular.

Dessa maneira, uma das maiores dificuldades que os comunitários da Várzea tinham era de realizar esse movimento pendular sempre que houvesse necessidade de renovar documentos referentes ao trabalho artesanal ou resolver pendências. O Estado falhava em não promover o direito de ir e vir, devido à ausência de acessibilidade ao trabalhador e trabalhadora, o cadastramento das embarcações, o registro de pesca, o seguro-defeso, assim como uma série de políticas que o estado deve promover para que os pescadores tenham uma vida digna.

Diante dessa realidade, Cilanda, através do CECOV, em conjunto com órgãos públicos como o IBAMA, levava agentes do Estado, responsáveis pela renovação desses documentos, não só para a Várzea, como também para as comunidades vizinhas, Barranco, Passinho, Capivaras, São Caetano. Para além da pesca artesanal, Cilanda também se voltou para a luta dos agricultores familiares da região porque a agricultura familiar também não tinha uma representatividade e ela como lutadora das classes populares também abraçou os pequenos agricultores de São José do Norte, passando a carregar essas duas grandes bandeiras. Sendo assim, todos os que tivessem interesse em se associar ao CECOV eram bem-vindos. Além disso, Cilanda também levava com frequência médico ao ambulatório para cuidar da saúde da comunidade, para realizar procedimentos simples como medir a pressão e vacinar a população.

Essa longa distância entre o centro e localidade da Várzea submete os pescadores artesanais a necessidade de um sistema de atravessamento com o pescado in natura, que vai com baixo valor agregado e de certa forma mantém uma condição de exploração da mão-de-obra. Em busca de trazer maior autonomia para a comunidade, Cilanda também buscou projetos do governo que financiassem o desenvolvimento de uma melhor infraestrutura para a comunidade.

Através de programas e acessos a editais, a projetos, recursos do MAPA, Cilanda conseguiu investimentos para construir casas, banheiros para os moradores da Várzea. Em 2008, conseguiu por meio do programa Usinas do Trabalho do Consulado da Mulher, freezers para a comunidade. Além disso, também foi construído pela Centrais Elétricas S.a. (ELETROSUL) e a Campanha de Geração Térmica de Energia Elétrica (CGTEE) na

comunidade do Centro Comunitário de Produção (CCP), fábrica de gelo que tanto beneficiou os pescadores da comunidade (Figura 5). Por meio da Embrapa, o centro comunitário conseguiu um carro para auxiliá-los na locomoção.

Figura 5: Centro Comunitário de Produção.



Fonte: Câmara, G. (2022).

É importante ressaltar que o período no qual a Cilanda realizou essas conquistas para comunidade era um período muito favorável de políticas públicas voltadas para as comunidades tradicionais. Através desse exemplo, conseguimos enxergar a importância do Estado e de outras instituições no processo de melhoria da qualidade de vida das comunidades pesqueiras. Dessa maneira, percebemos, através das conquistas da Cilanda para a comunidade da Várzea e as comunidades vizinhas, a importância da existência de uma pessoa que tome a frente das decisões relativas ao bem-estar comunitário. Para sua comunidade, a Cilanda, sem dúvidas, foi uma das maiores lideranças que já passaram pela Terra.

A partir dessas mudanças ocorridas na comunidade e com seu jeito irreverente, a cada ano, Cilanda conquistava mais e mais o respeito e admiração dos comunitários e líderes políticos. Por isso, Cilanda assumiu em 2012 o cargo de vereadora pelo Partido dos Trabalhadores (PT) do município de São José do Norte. O atual vereador Luiz Gautério aponta:

Cilanda foi uma figura pública que não tinha muito protocolo, se tivesse que dizer algo que fosse chocar todo mundo ela diria, ela não tinha melindres para dizer o que ela pensava, independentemente de como fosse ser recebido. Então, assim, ela ia pra reuniões com pessoas ditas muito importantes e dizia o que pensava e causava, puxava a atenção para ela. Mas ela tinha um perfil de luta muito responsável. Não desistia de representar a base que levou ela ao parlamento, de representar as lutas da comunidade dela. A Cilanda tinha essa coisa de luta de classes com ela apesar de não ter formação política acadêmica, ela era uma lutadora de classes. Então eu acho que é por isso também que ela foi muito respeitada por todos que acabaram cruzando o caminho dela e se somando a luta dela (Luiz Gautério).

Por mais que Cilanda tivesse o reconhecimento a nível regional, a nível estadual, até participando de grandes debates a nível nacional, no município de São José do Norte ela tinha o reconhecimento da Comunidade pesqueira, da pesca artesanal, principalmente da comunidade da Várzea. No entanto, dentro do Partido dos Trabalhadores, ela não era muito bem-vista pelos líderes da época, segundo o vereador. No âmbito da comunidade, as principais dificuldades enfrentadas pela Cilanda eram relacionadas a apoio tanto financeiro, quanto logístico. *“Por exemplo, ela conseguiu sacolão, cesta básica para a comunidade e não tinha transporte para ir buscar. A maior dificuldade era com os transportes das pessoas, que às vezes ela trazia as pessoas e não dava para vir.”* (Robson, filho da Cilanda). Já no âmbito político, a luta da Cilanda foi muito desprestigiada ao longo da sua trajetória pelos políticos de São José do Norte.

Os obstáculos dela é que ela era subestimada, primeiro, por ela ser uma mulher pescadora e não ser letrada. O dialeto dela era um dialeto muito próprio das comunidades pesqueiras, ela tinha um vocabulário às vezes um pouco rude, às vezes falava até palavrão, mas eu acho que é isso. A principal dificuldade é de estar lutando em meio a uma sociedade machista. Ela superou muitas coisas, mas enfrentou muitas dificuldades. Foi desrespeitada várias vezes. Eu acho que ela passou no final do mandato dela por muitas dificuldades, ela estava muito pressionada. Ela recebeu muita pressão dentro da câmara, do partido dos trabalhadores. Ao mesmo tempo que ela representava bem as bases populares, ela ficou em um conflito institucional. Eu acho que isso é uma dificuldade que entristeceu ela. A gente passou por esse processo de conflitos dentro do PT, porque a Cilanda era muito autêntica, muito dona de si, da sua trajetória, muito convicta da sua luta. (Luiz Gautério).

Esses conflitos se deram principalmente porque Cilanda para garantir sobrevivência dentro de um “legislativo misógino, racista, machista, dominado por homens conservadores com experiência na política, votou algumas vezes junto com esse pessoal pra poder ter um trânsito mais livre e talvez até não se intoxicar tanto com aquele ambiente” (Luiz Gautério). Essas ações causaram atritos com o Partido dos Trabalhadores, que tinha como estratégia desarticular as forças dominantes, que são de extrema direita de São José do Norte. Mesmo diante desses enfrentamentos, Cilanda se manteve firme em seus compromissos e ideias até o fim de seu mandato. Cilanda acreditava que ocupando um cargo político conseguiria trazer muito mais prosperidade para os seus companheiros de classe. Contudo, todos os seus projetos apresentados eram barrados pelos seus opositores.

“Ela teve muitas conquistas aqui com o Centro porque depois que ela virou vereadora, daí foi desandando tudo e a associação não teve mais a força que tinha, pois claro, porque tinha que cuidar daquilo ali. Aí ela submetia os projetos da Câmara, só que aquilo ali não é um só, é um conjunto, aí vetaram tudo. Ela achava que ia ser melhor, mas piorou” (Vanessa, nora).

Todavia, Cilanda utilizava de seu mandato para representar as lutas das classes pesqueira e agricultora no legislativo (figura 6). “Então ela demarcava, mas ela demarcava no debate, ela demarcava de forma cotidiana no debate político da cidade” (Luiz Gautério). Além disso, Cilanda também participava e ajudava a guiar os caminhos do Fórum da Lagoa dos Patos. Ela tinha uma grande preocupação em atender as regulamentações. Devido a isso,

‘muitas vezes ela tomou decisões que desagradou alguns setores da pesca, porque não querem muito atender a regramentos, eles querem trabalhar de acordo com a sua relação da natureza. E ela às vezes foi um pouco dura, pelo que eu ouço falar, ela dizia que se era assim que tem que ser, não admito que vocês façam diferente. Eu acho que ela tem uma relação com o Fórum da Lagoa que tinha aspectos positivos e negativos perante a opinião da classe’ (Luiz Gautério).

Figura 6: Cilanda em Reuniões.



Fonte: Acervo da Família (2022).

Os pescadores artesanais de São José do Norte sofrem frente ao avanço da modernização em seus territórios tradicionais. Ao longo da história, os pescadores têm seus direitos e territórios contaminados e expropriados, o que impacta diretamente na descontinuidade dos seus modos de existência. Em São José do Norte, os conflitos mais evidentes estão relacionados ao agronegócio, atividade portuária e mineração. Além disso, o Estado permanece omissivo frente a esses conflitos ambientais. Por isso, Cilanda lutava com todas as suas energias por meio dos instrumentos que estavam disponíveis pelos direitos dos pescadores a aposentadoria, a residência, a autonomia, ao território em âmbito nacional, regional, municipal e comunitário. Como consequência disso, Cilanda foi homenageada em vida diversas vezes pelos seus grandes feitos pelos pescadores artesanais e agricultores familiares, sendo Vereadora Destaque no ano de 2013 (figura 7).

Figura 7: Homenagens prestadas à Cilanda



Fonte: Acervo da Família (2022)

Infelizmente, nos dias atuais, a comunidade da Várzea passa por um momento difícil. Atualmente, quem está na presidência do Centro Comunitário é a pescadora Hélia Bernardo. A partir do Impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016, as políticas públicas voltadas para essas comunidades foram aos poucos sendo desmontadas e os recursos enviados para a economia popular solidária sendo exauridos, o que fez com que os projetos desenvolvidos pela Cilanda ficassem esquecidos. *"A gente fica triste porque tudo o que a mãe construiu tá apagado"*, relata Robson, filho mais novo da Cilanda. Hoje em dia, a fábrica de gelo está desativada por falta de manutenção, assim como vários freezers conquistados (figura 8). Durante alguns anos, seu filho Anderson, tomou a frente do CECOV, no entanto, não conseguiu permanecer pelo fato de que do centro comunitário ser uma instituição sem fins lucrativos, ou seja, o trabalho realizado no centro deve ser voluntário. Também não são mais realizados os mutirões para renovação das documentações.

Figura 8: Placa do CPP apagada na Fábrica de Gelo



Fonte: Câmara, G. (2022).

Percebe-se na comunidade uma diminuição da adesão a participações de reuniões relativas a tomadas de decisões devido ao pouco espaço de fala e ausência de resolução de problemas. “É assim oh, marca uma reunião da pesca aqui. Teve a reunião do Fórum, teve aqui, não participa ninguém. Sabe por que que isso está acontecendo, faz uma reunião sobre liberar o bagre. Ninguém vai porque só falam, falam e não escutam o pescador. E o que acontece, não conclui nada. Aí o pessoal fica desacreditado e ninguém vai mais”, diz Anderson.

Contudo, ainda que os projetos realizados pela Cilanda na comunidade não tenham continuidade devido ao desmonte das políticas voltadas para financiamento, sua luta pelos direitos dos pescadores artesanais e agricultores segue sendo lembrada e homenageada. O vereador Luiz Gautério propôs uma lei que reconhece a pesca artesanal como patrimônio da cultura de São José do Norte, que foi carinhosamente apelidada de Lei Cilanda. Também foi feita uma placa em memória a Cilanda ao lado da fábrica de gelo na localidade da Várzea. Pela comunidade, Cilanda ainda é lembrada com muito carinho e com muita nostalgia por conta da sua importante passagem pela sociedade do município de São José do Norte. Todavia,

nós precisamos ir além, a gente precisa de certa forma continuar homenageando para continuar inspirando as novas gerações a continuar na política, para se firmar na base comunitária, que essas pessoas não fiquem se subjugando a capacidade de participar ativamente da vida em sociedade, da política, né. Eu acho que esse é o principal legado dela. Sair da comunidade pesqueira e ganhou respeito em muitos lugares e é lembrada ainda até hoje. Então eu acho que isso deve ser sempre conduzido para inspirar jovens, mulheres e todas as minorias de fato a participarem da política (Luiz Gautério).

Figura 9: Fotografia da pescadora Cillanda Borges Caminha



Fonte: Acervo da Família (2022).

CONCLUSÕES

Diante do avanço da modernização sobre o território tradicional pesqueiro da Lagoa dos Patos, pescadoras e pescadores têm se articulado em âmbito local, regional e nacional reivindicando seus direitos. Nesse artigo, destacamos a trajetória de uma das grandes protagonistas nos processos de luta por direitos no território. Por meio da biografia espacial da pescadora Cilanda Borges, podemos entender a importância de uma liderança no território diante das grandes contribuições na infraestrutura da comunidade para a obtenção de autonomia frente a um sistema que coloca pescadores e pescadoras em uma relação de submissão na mão de atravessadores.

Ao adentrar no território normado, como vereadora, acreditando que conseguiria trazer ainda mais prosperidade aos seus companheiros de classe, Cilanda se depara com uma série de desafios, sendo

descredibilizada pelos opositores e tendo seus projetos barrados, limitando sua atuação política. Ainda assim, permaneceu na luta, ganhando reconhecimento estadual e nacional, nos mostrando que a política não é um território inalcançável. Sua biografia espacial não é apenas um tributo, mas também um chamado à ação para as gerações futuras. O território usado da Lagoa dos Patos, onde Cilanda (r)existiu, permanece como um testemunho vivo de que a luta por justiça social, ambiental e por dignidade transcendem as fronteiras do espaço e do tempo, ecoando nas vozes e ações daqueles que se reconhecem em sua trajetória.

Cilanda sempre presente!

REFERÊNCIAS

- DE PAULA, C. O. **Geografias da Pesca Artesanal Brasileira**. 1. ed. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2023.
- PIRES, C. L. Z.; PAULA, C. O. de; BONETTO, H. Mapas-narrativas e um Conto Geográfico. In: HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (org.). **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2016. p. 49-68.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas**. Títulos del Programa Sur-Sur: CLACSO, 2005. Pp. 107-130.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SANTOS, M. et al. O papel ativo da Geografia: um manifesto. **Território**, ano V, nº 9, 2000, p. 103-109.
- SANTOS, M. O dinheiro e o território. **Geographia**. Revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Ano 1, Nº 1. 1999. pp. 7-13.
- SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise. **Cadernos Ippur**, v. 2, 1999. p. 15-25.
- SILVA, C. A. Mordenização, conflitos territoriais e sujeitos sociais de culturas tradicionais: considerações da Geografia na leitura da produção da totalidade do espaço brasileiro no século XXI. In: SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; SILVA, Charlei Aparecido Da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; DE PAULA, Cristiano Quaresma de. **Geografia e Conjuntura Brasileira**. Rio de Janeiro; Consequência, 2017. p. 249-274.
- SILVA, C. A. **Pesca artesanal e a produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. 171p.
- SILVA, C. A. **Política pública e território: Passado e presente da efetivação dos direitos dos pescadores artesanais no Brasil**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. 130p.